

“É O PODER, O MUNDO É DE QUEM FAZ.”¹
UMA ANÁLISE DA RESIDÊNCIA “FAVELADA 2.0” E UM CAMINHO PELAS
MEMÓRIAS AFETIVAS.

Natã Neves do Nascimento²

Resumo: A proposta desse artigo é refletir sobre o quanto a vivência junto a pessoas que estão no mesmo território, experienciando os mesmos conflitos e lutas diárias, pode ser transformadora ao ponto de ampliar a visão do mundo em que se vive. Busco comparar minha experiência vivida na residência “Favelado 2.0” oferecida pelo coletivo GatoMídia no ano de 2016 junto a fala da idealizadora do coletivo e de uma das residentes sobre as suas experiências na residência “Favelada 2.0” realizada para o público feminino no ano de 2017. Apesar de apresentar outra proposta um tanto quanto diferente da feita em 2016 essa residência apresenta semelhanças no aspecto de transformação do indivíduo durante seus encontros. Para composição desse trabalho foi preciso analisar alguns conceitos de identidade a partir de estudos de Manuel Castells, Nilma Lino Gomes e Stuart Hall. Em meio a esse contexto de representatividade da mulher e reconhecimento de que ela pode ser e fazer o que quiser, recorro à memória e percorro um caminho de afeto em minhas recordações da força das mulheres de minha casa.

Palavras-chave: Mulheres, Favela, Cultura, Identidade, Tecnologia.

Essa letra que se torna um grito de guerra e de força através da voz da cantora Karol Conka, ganha todo sentido quando o assunto principal desse artigo é o lugar da mulher favelada, negra e muitas vezes marginalizada que precisa criar fazer, sustentar sua casa e sobreviver ocupando a cidade e resistindo. Dedico esse texto a Marielle Franco, mulher, negra, mãe, a 5ª vereadora mais votada da história do Estado do Rio de Janeiro a qual sua luta não foi em vão, tentaram te calar, mas seguiremos ecoando uma voz pelas ruas das cidades, Marielle Presente!

Reinventar-se – Nem tudo que parece é!

No ano de 2016 pude conhecer o coletivo GatoMídia que é localizado no Complexo do Alemão que existe desde 2013 e tem como objetivo estimular que jovens e negros possam produzir sua própria comunicação, rede e conexões. Por reconhecer o GatoMídia como um espaço de deliberação coletiva com inúmeras potencialidades, resolvi vivenciar a experiência da residência que foi proposta. O “Favelado 2.0” foi uma residência oferecida com ênfase em mídia e tecnologia que aconteceu em março do ano

¹ Canção composta e produzida pelo grupo de DJs Tropkillaz que ganhou força por exaltar a figura feminina através da voz da cantora Carol Conka.

² Mestrando em Cultura e Territorialidade pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: nataoneves@hotmail.com.

de 2016, com duas semanas de oficinas teóricas e práticas que envolviam fotografia, criatividade, edição de vídeo entre outros. Os encontros aconteciam na Nave do Conhecimento³, localizada na Praça do Terço, na Nova Brasília, no Complexo do Alemão.

Para fazer parte dessa primeira residência foram selecionados 20 jovens moradores de diferentes favelas de toda a cidade do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense. A realização da residência se deu através de uma campanha de financiamento colaborativo chamada: “Todos pelo Alemão”, e recebeu verba do Common Action Fórum Madrid. Com tais recursos, além da realização das oficinas conseguiu oferecer uma bolsa para ajuda de custo aos residentes.

Durante essas duas semanas de encontros que participei, pude perceber o quanto esses jovens estavam imersos dentro de seus territórios e que através de seus talentos para artes, grafite e design se destacavam durante as oficinas, além disso, era nítido o quanto era mudado em cada um através de cada encontro. Ao final da residência eu pude entrevistar duas residentes.

Favelada 2.0 – As Mulheres e a Tecnologia da Sobrevivência

No ano de 2017 o GatoMídia oferece uma nova residência e o que me chamou a atenção foi o fato de ser oferecida para mulheres e feita por mulheres. A princípio acreditei que seria a mesma proposta, porém com uma mudança apenas dos agentes, a partir disso ao final da residência procurei a Thamyra de Araújo que é a idealizadora do coletivo para poder entrevistá-la e fazer uma comparação com aquilo que vivi um ano antes junto ao coletivo e aqueles primeiros residentes.

Diferentemente da primeira residência onde o foco era na área de fotografia e vídeo, a residência “Favelada 2.0” trabalhou o design em vídeo passando pelo empreendedorismo e a construção da imagem feminina, pensando de que forma através da imagem elas poderiam questionar e desconstruir essa invisibilidade da mulher na tecnologia.

³ Inaugurada pela Secretaria Municipal de Habitação (SMH), em 23 de dezembro de 2011, a Nave do Conhecimento atua com gestão do CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular, promovendo atividades culturais e artísticas para públicos de todas as idades e cursos regulares de formação técnica e profissional nas novas tecnologias da informação e comunicação para jovens e adultos. <http://www.pracadoconhecimento.com.br/institucional/#sthash.mAsCiK6L.dpuf> Acesso em 29 de março de 2018.

Por meio de um olhar diferente da alta tecnologia, mas ligada diretamente as tecnologias populares e sociais a partir do que é criado pelo povo para resolver os problemas do dia a dia, seja pelas necessidades ou pela ausência do Estado é esse o território no qual o coletivo pensa tecnologia. Dentro desse espaço o coletivo fala do “Gambiólogo” as pessoas que colocam luz nos postes, água nas casas onde essa ciência da gambiarra se executa diariamente dentro da realidade da favela ainda que não seja reconhecida como tal, pensando como uma solução social.

Apesar de não seguir dentro dessa linha, há um reconhecimento que as referências até mesmo na busca para as soluções domésticas, problemas de estruturas das casas para as soluções de tais problemas ou até mesmo a execução dessas gambiarras vai se pensar em nomes de homens, como o exemplo do seu Naldo que conserta a luz, fulano que conserta o chuveiro, apesar disso é preciso pensar que existem mulheres que também consertam luz, chuveiro e que estão mexendo, cirando e consertando. A partir da invisibilidade da mulher dentro da tecnologia com o foco no território da favela o coletivo GatoMídia apresenta questionamentos sobre o que seria a tecnologia para mulher favelada.

No entanto Beatriz Silva e Maria Nascimento também apresentam em sua pesquisa um questionamento sobre esse lugar da mulher.

Na vida em sociedade encontramos fatores nos quais desfavorecem uma vida de bem-estar nos aspectos sociais, políticos, econômico, culturais e educacionais. Aspectos estes que desencadeiam inúmeras deficiências tornando nossa sociedade desigual. As desigualdades são inúmeras como as sexistas (entre homens e mulheres), questão de raça e etnia, questão de gênero e a desigualdade de classes sociais. Dentre estas destacamos a figura da mulher, em especial, a mulher negra que caminha a passos mais lentos na empreitada geral, tanto no acesso à educação quanto a outros direitos básicos, como saúde e trabalho. (SILVA; NASCIMENTO, 2016, p.182).

Através desse questionamento as residentes puderam ouvir as respostas das mulheres que vivem na favela, nesse caso no Complexo do Alemão - Conjunto de favelas localizado no subúrbio do Estado do Rio de Janeiro. As falas dessas mulheres passavam pela forma de criar seus filhos, suas criações seriam a tecnologia da sobrevivência, além disso, há outra relação com a tecnologia digital na qual uma maquiadora executa suas maquiagens a partir do que tem aprendido com os vídeos do Youtube⁴, pois a mesma por ser uma maquiadora de pele negra e não ter dinheiro para

⁴ Youtube é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet.

comprar o tom de base correto, ela mistura diferentes tons para chegar ao tom de pele da cliente.

A partir de tais conceitos concebidos nas entrevistas com essas mulheres, empreendedoras e a forma como o seu trabalho tem causado um impacto na sociedade além da delimitação do que era tecnologia primeiramente para as residentes a partir da ideia da tecnologia da gambiarra de forma que se questionasse o que seria essa invisibilidade dessa mulher dentro da favela que pensa essa tecnologia social de sobrevivência.

Ao todo 20 mulheres foram escolhidas para participar dessa residência com idade entre 14 e 29 anos de diferentes favelas do Estado das áreas da Zona Norte, Zona Oeste, Baixada Fluminense, além disso, 90% das residentes eram público LGBT então durante os encontros as trocas seriam cada vez maiores, pois teria a fala da mulher negra, da mulher lésbica além disso cada uma das residentes trouxe consigo suas experiências fazendo vídeos para o Youtube, escrevendo textos ou até mesmo como técnica de informática na qual uma das residentes, moradora de favela ocupa esse lugar de invisibilidade por ser mulher que conserta os computadores dentro da favela pois dentro desse espaço, toda referência que se tem até mesmo quando se vai até uma lan house⁵ é a presença dos homens que mais se vê. Em sua pesquisa sobre esse espaço na favela, Pâmella Passos trabalha com um grupo específico de meninos (2013, p. 187), a falta de pelo menos uma menina dentro das oficinas realizadas me chamou a atenção e me fez refletir sobre uma possível relação de distanciamento junto a esse local. Ainda segundo Passos

Sem nenhuma participante mulher e formando um público majoritariamente entre 13 e 18 anos, eles viraram “os meninos da lan house”, como eu passei a chamar em minhas idas a campo e em minhas anotações da pesquisa. (PASSOS, 2013, p.185).

Durante duas semanas as jovens se reuniram no período da tarde, na Casa Brota localizada no Complexo do Alemão, essa casa é um espaço de coworking para empreendedores de favela com o objetivo de ser um ponto de encontro para trocas de ideias e projetos relacionados à inovação, tecnologia, ao entretenimento e engajamento e também no Educap⁶ que é uma ONG de mulheres e por isso a importância dessa

⁵ Lan house é um estabelecimento comercial semelhante a um cyber café na qual os usuários pagam para utilizar um computador com acesso à internet e entretenimento através de jogos em rede ou online.

⁶ Educap- Espaço Democrático de União, Convivência, Aprendizagem e Prevenção é uma organização comunitária localizada no Complexo do Alemão.

parceria além de sua localização, por ser num ponto central do Alemão traria outro olhar do mesmo território. Além disso, o espaço é equipado com computadores e se trata de um lugar que é criado pelas pessoas dali para fortalecer esse espaço e instituição.

Na primeira semana foram realizadas oficinas mais teóricas oferecidas só por mulheres entre elas Bruna Souza, Lucia Cabral, Maíra Azevedo, Monique Evelle, Morena Mariah e Thamyra Thâmara. Durante a semana seguinte, a segunda semana da residência foi proposta uma atividade prática que seria a criação de um teaser⁷ com as mulheres da favela a partir da temática do que seria a tecnologia para a mulher favelada. Foram produzidos diversos materiais e em uma das oficinas oferecidas, a de design e comunicação visual na qual foram criados memes⁸ onde cada uma pode fazer uma frase pensando o lugar da mulher que cria e que faz.

Thamyra fala sobre a importância de percorrer esses caminhos na favela: “Fazia muito sentido estar aqui, ainda mais por estar no topo da favela. E poder mostrar essas duas visões tanto do alto com a casa Brota quanto do ponto mais central com a Educap”. Esses momentos de sair às ruas proporcionavam às residentes a oportunidade de interagir com os moradores, ter contato com o que eles estão criando tendo o dia a dia da favela como referência para criar coisas. Pela cultura pulsante de criatividade, de constantes gambiarras servindo como referência para a criação da campanha proposta durante a residência.

O fato de reunir mulheres de diferentes favelas do Estado esperava chegar a um resultado positivo a partir dessas convivências diferentes, fazer com que pessoas de mundos distintos se encontrem algumas mais engajadas em movimentos sociais, outras nem tanto e poder produzir um material a partir da pluralidade da favela e as diferentes perspectivas que cada residente pôde trazer para ver qual será esse final, porém acreditando sempre na força que tem o encontro de trajetórias. Adriana Facina apresenta um olhar semelhante que enxerga dentro desse território um espaço repleto de possibilidades.

Assim, quando definimos a favela como um território, não estamos nos referindo somente ao espaço físico das diferentes favelas, mas também às construções simbólicas que informam as representações sobre elas, bem como às práticas culturais e experiências compartilhadas por seus moradores, por sua vez implicadas em processos de formação de identidades. (FACINA, 2013)

⁷ Link do teaser: <https://www.facebook.com/gatomidia/videos/1868620726784362/>.

⁸ Termo derivado do grego com sentido de imitação. Na internet possui caráter humorístico que é copiado e se espalha rapidamente pelas redes.

Em uma das oficinas foi proposta à construção de um mapa afetivo, esse momento pessoal dos residentes é onde através de colagens cada um pode se expressar e mostrar quais foram às referências que o fizeram chegar até ali. Thamyra fala sobre o quão tocante foi esse momento durante a residência: “Como as histórias que são do dia a dia dessas mulheres pode fazê-las olhar pra dentro, para ver suas potências para criar”, A diferença foi a forma como cada residente pôde se sentir acolhida umas pelas outras e livres para poder compartilhar suas experiências que talvez não seriam compartilhadas em outros espaços.

Ser e Estabelecer

Para uma melhor compreensão da residência através de um olhar participativo realizei uma entrevista com uma das residentes que atualmente está fazendo parte do grupo de colaboradores do GatoMídia.

Durante uma entrevista realizada em 24 de janeiro de 2018, pude conversar um pouco com a residente Nicole Pereira⁹ sobre como ela chegou até a residência e o que ela teria a destacar sobre a experiência vivida durante a residência. Através da indicação de amigos que viram a postagem da residência na página do Facebook e logo identificaram o quanto seria bom para Nicole fazer parte dessa experiência, pois sabiam que ela gostava dessa área tecnológica e através de uma marcação em uma postagem houve início de um novo ciclo cheio de interesses e expectativas do que iria acontecer.

Esse interesse pela tecnologia começou quando ela ainda tinha seus 14 anos e ao ser questionada por sua mãe sobre o que ela gostaria de receber de presente no seu 15º aniversário, data tão marcante pelas jovens pelo desejo de comemorar com uma festa de debutante, reunindo seus amigos Nicole surpreende sua mãe dizendo que queria um computador. “Eu ficava fascinada de como ele funcionava e tudo mais, então comecei a estudar sobre isso sozinha para me aprofundar”. Além disso, procurou fazer outros cursos dentro da área para continuar atualizada e “antenada” sobre novidades dentro da computação.

Através da vivência obtida pelo “Favelada 2.0” ela resolveu se arriscar e trabalhar por conta própria. “Porque como sou mulher e negra existe certo preconceito

⁹ Nicole Pereira Pessoa é moradora da Cidade de Deus e foi uma das jovens que fez parte da residência “Favelada2.0”.

de eu estar trabalhando nessa área, então para mim foi uma grande ajuda e incentivo para eu continuar”. Esse preconceito segundo Nicole é constante, ela não consegue ser reconhecida como uma profissional de tecnologia pelos homens que a testam de forma corrente verificando se ela está apta para exercer tal função o que tem feito com que seu público maior de trabalho seja mulheres e o público LGBT.

Djamila Ribeiro propõe uma quebra com essa hierarquia, esclarecendo e dando voz a muitas que por muito tempo se viram obrigadas apenas a se calar e aceitar esse tipo de imposição. Para a autora, “pensar em lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia” (RIBEIRO, 2017, p.90).

Além disso, a falta de mulheres dentro da tecnologia como referências dificulta essa aproximação com essa área que tem sido majoritariamente preenchida por homens. Para Nicole esse destaque dos homens sobre as mulheres que fizeram parte da história da construção da tecnologia se dá pelo fato dos homens desejarem dominar esse espaço. Ela cita Jasmine Lawrence que é gerente de programas do XBOX e que tem ocupado lugar de destaque em um mercado que é repleto de homens e tem feito sua trajetória para além de seu gênero, mas pela sua capacidade de desempenhar tal cargo.

A residência serviu como marco, ela pode aprender sobre design gráfico através de outro ângulo. “A Monique Evelle tem bastantes projetos e nos incentivou a fazer o que realmente queremos e como podemos conseguir alcançar esses objetivos.” Toda essa experiência pode ampliar a forma como Nicole se enxergava e transformou a sua vida e seu modo de pensar de forma que ela tem estudado mais sobre computação e tecnologia além de desenvolver seu projeto “Black Geek” pelo fato de não ter recursos ainda para desenvolvê-lo ela pretende continuar prestando seus serviços e adquirindo segurança e conhecimento, mas em breve poder oferecer cursos e oficinas.

Apesar de não ter participado dessa residência, pude perceber que algo permanece, as reflexões que foram propostas pelo coletivo são ligadas às circunstâncias cotidianas, com limitações e potencialidades que cada residente conhecem bem, o fato de ser mulher, negra, moradora de favela. Nilma Lino Gomes destaca o modo de ser no mundo e essa relação com o outro:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas lingüísticas, festivas, rituais, comportamentos

alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana. (Gomes, 2005, p.41)

Como podemos ver essa identidade se refere no modo de ser com os outros, e por isso há uma transformação a partir desses encontros, pois cada prática, referência ou qualquer tipo de repertório que é trazido por cada indivíduo, deixa com que se torne propício o espaço de troca do saber. Esse resultado dessa troca eu pude ver quando fui entrevistar uma das residentes do “favelado 2.0”, durante entrevista feita com a estudante Isys Maciel¹⁰ uma das falas ditas por ela que me marcou foi “Eu desde pequena sofri preconceito por morar na favela” e após a experiência junto ao GatoMídia e de toda troca de conhecimento, houve uma compreensão positiva e uma identificação com a palavra favelado: “Aí hoje em dia eu tenho orgulho de dizer que eu sou favelada, entendeu?”.

Manuel Castells apresenta uma construção de uma identidade através de uma base oprimida na qual sofre transformações conforme a sociedade vai mudando:

Neste caso, a construção da identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandindo-se no sentido da transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade, como no exemplo mencionado anteriormente de sociedade pós-patriarcal, resultando na liberação das mulheres, dos homens e das crianças por meio da realização da identidade das mulheres. (CASTELLS, 1999, p. 26)

Essa construção de conhecimento e afirmação junto com outros sujeitos pode se tornar um desafio, porém, essa experiência exige uma ruptura com metodologias tradicionais e hierarquizadas. Através das redes que se constroem durante os encontros junto ao coletivo se amplia um olhar, um comportamento além de se estimular uma produção de conteúdo através da realidade vivida por cada um.

Apesar de não ser pauta e tema dos encontros e das oficinas, assuntos como o feminismo, o orgulho de ser de favela entre outros, surgiam de forma orgânica pelo espaço que se está presente, até mesmo visualmente a forma como cada um se veste, essa imagem já traz um peso a representatividade no caso da residência o fato de ser mulher, negra, com cabelo natural. Thamyra compreendia que esses assuntos surgiriam sem necessariamente falar, “a partir do momento que a gente estava dando a oficina

¹⁰ Isys Maciel tem 17 anos, é estudante, moradora do Complexo da Penha e foi uma das jovens que fez parte da residência “Favelado 2.0” no ano de 2016. Esse relato se deu através de entrevista feita com a jovem em julho de 2016.

mostrando a tecnologia a partir do olhar da favela esses temas de empoderamento, de entender a produção e a potência ia vir nos corredores e no afeto.” Além disso, havia uma compreensão de que a transformação não necessariamente vai se dar no meio do intelecto, ela precisa ser sentida, é necessário sentir esse toque.

Stuart Hall (1997) apresenta esse olhar da identidade que é construída a partir desses processos de identificação e representação:

O que denominamos “nossas identidades” poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos “viver”, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. (HALL, 1997, p. 27)

A partir desse reconhecimento da influência das circunstâncias e sentimentos na construção da identidade, percebe-se o quanto a mesma está em constante transformação, pois há possibilidade de através de encontros ou de qualquer outro estímulo, te levar a uma reflexão ou um questionamento sobre que tipo de resposta você vai dar para os questionamentos apresentados, a princípio como se portar diante dos porquês.

Então faça você mesmo – Lembranças e Afeto

Antes de acontecer às entrevistas junto a Thamyra e a Nicole, eu estava com a impressão de que apesar da mudança de foco sendo exclusivamente para mulheres, a residência seguiria pelo mesmo caminho da anterior sobre cultura maker e seus fazedores na favela. A partir daí comecei uma pesquisa sobre o papel da mulher dentro desse espaço de fazimento, e apesar da residência “Favelada 2.0” seguir pelo caminho da tecnologia da sobrevivência desempenhada pelas mulheres de favela, acho válido destacar também a presença delas dentro dessa cultura.

Confesso que não foi tão fácil quanto acreditei que seria encontrar referências de mulheres que tiveram seu papel de importância ou foram reconhecidas dentro de um espaço que tem em sua maioria o homem, e que muitas vezes a falta de uma representatividade feminina dentro desse espaço aumenta a distância entre a mulher e a tecnologia. No mercado tecnológico muitas vezes quando se pensa em grandes nomes que fizeram parte da evolução tecnológica associamos a homens como Bill Gates, Steve Jobs ainda que existam mulheres que tiveram também o seu papel para contribuir com

essa evolução como Ada Lovelace que foi a primeira programadora da história, pois contribuiu para a construção da primeira máquina de cálculo.

A influência da cultura maker tem influenciado muito as pessoas a produzirem seus objetos ou até mesmo customizarem peças, e ainda que não esteja diretamente conectada a sua totalidade através de seu conceito original, elas tem se apropriado do mesmo para colocar a “mão na massa”. Numa pesquisa no site Youtube com a palavra chave DIY mais de 70% dos vídeos de customização era executado por mulheres, de diversas idades e com propostas completamente diferentes umas das outras, os vídeos sugeridos iam de fantasias, customização de roupas, assessorios de decoração entre outros.

Na plataforma a presença delas é quase maioria quando se trata do faça você mesmo, são diversos tipos de soluções e criações que podem ser feitas através dos mais inesperados produtos, durante a pesquisa fui surpreendido com um canal de uma jovem que aborda em seu canal temas de construção e reforma Paloma Cipriano mostra suas habilidades em rebocar parede e rejuntar piso mostrando que é possível fazer uma reforma em casa por conta própria além do mais estimulando as mulheres a colocarem a mão na massa literalmente.

A jovem atualmente passa dos 200 mil inscritos, e tem feito sucesso através de seus vídeos com tais dicas de reformas, além disso, os comentários parabenizando-a pela atitude são constantes de forma que os consumidores se vêem muitas vezes surpresos por assistir uma mulher executar uma tarefa que é feita habitualmente por homens de uma forma que muitas vezes sai melhor que muitos.

Não que isso não fosse possível, pois durante minha infância sempre tive lembranças da minha tia que era divorciada exercendo tais funções como consertando objetos com pequenos defeitos, trocando lâmpadas e fazendo a manutenção da casa de vovó sempre que necessário. E sempre que ela terminava de fazer tais funções deixava claro que não dependia de homem para nada. A admiração pela Tia Shirley sempre foi algo que deixei claro, ela se mostrou uma mulher incrível não só pelo fato de se virar muito bem sozinha, mas por após dois divórcios ela manter o discurso de não precisar de homem para nada, em nossas mudanças Tia Shirley era quem carregava o fogão e a geladeira, segurar peso nunca foi problema mesmo com seu problema de artrite no joelho.

A força das mulheres de minha família não está apenas no fato de minha tia “não depender de homem para nada”, mas na resistência de como elas precisaram ser fortes em algum momento de suas vidas, seja abrindo mão de estudar ou se profissionalizar para criar seus filhos ou até mesmo se reinventar enquanto mulheres que também foram abandonadas por seus maridos. Poder ver minha mãe se graduar após anos de dedicação ao cuidado dos filhos alega o meu coração e me inspira a prosseguir sem parar, pois aquilo que ela dizia parecer impossível, o fato de voltar a uma sala de aula se formar no Ensino Médio e entrar para uma Graduação tantos anos depois se tornou realidade.

As opiniões e questionamentos apresentados neste artigo serviram para exprimir pensamentos, ideias e um olhar de um ponto de vista externo ao que foi experimentado por cada jovem durante a residência proposta por um coletivo do Complexo do Alemão. Acredito que minha fala jamais refletirá o que foi vivenciado nesses dias, o fato dessa troca ocorrer entre mulheres me deixa mais cauteloso em respeitar um espaço de fala que não me pertence e com total respeito e cuidado em minhas colocações busco desconstruir estereótipos acerca da favela a partir de uma vivência de mulheres e suas experiências além de práticas culturais e sociais enquanto moradoras desse território, no intuito de resgatar na memória lembranças da força da mulher de resistir e sobreviver dentro das minhas experiências com minha Tia e minha Mãe. Esse trabalho se torna uma tentativa de busca por conhecimento através de uma experiência que não é apenas minha, e que apresenta diversas respostas pessoais e completamente transformadoras.

Referências Bibliográficas

CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 21-92.

FACINA, Adriana. Consumo Favela. In: Dantas, Aline; MELLO, Marisa S.; PASSOS, Pâmella. (Org.). *Política cultural com as periferias: práticas e indagações de uma problemática contemporânea*. Rio de Janeiro: IFRJ, 2013, p. 21-43.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-62.

HALL, Stuart. A centralidade da Cultura Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Revista & Realidade*, jul./dez. 1997, p. 15-46.

PASSOS, Pâmella Santos dos. *Lan house na favela: cultura e práticas sociais em Acari e no Santa Marta*. 2013. 267 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense Niterói, 2013. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1473.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Beatriz; NASCIMENTO, Maria Beatriz. A mulher negra e a afirmação de sua identidade: uma análise sócio-histórica. In: *Revista Includere*, Mossoró, v.2, n. 2, 2016, p. 182-185.

Sites

<<https://uolhost.uol.com.br/academia/noticias/tecnologia/2015/08/25/a-dificil-missao-de-ser-mulher-no-mercado-de-ti.html#rmcl>>. Acesso em 17 dez. 2017

<<https://olhardigital.com.br/noticia/conheca-ada-lovelace-a-1-programadora-da-historia/40718>>. Acesso em 17 dez. 2017

<<http://qga.com.br/comportamento/mulher/2016/10/garota-de-23-anos-da-dicas-de-construcao-e-reforma-em-canal-do-youtube>>. Acesso em 17 dez. 2017